

MINERAÇÃO E METALURGIA

ÁREA DE OPERAÇÕES INDUSTRIAIS 2
Nº 09

Gerência Setorial 3
Novembro

Globalização na Siderurgia

A siderurgia brasileira vem sendo submetida, nesta década, a profundas transformações, decorrentes da revolução imposta pelas novas posturas internacionais em termos comerciais, financeiros e tecnológicos, em função da globalização da economia e dos impactos deste processo na realidade brasileira.

Na verdade, as grandes mudanças pelas quais o setor siderúrgico nacional vem passando iniciaram-se em 1988, com as privatizações de menor porte, e mais enfaticamente no período 1991/93, com o PND - Programa Nacional de Desestatização.

O processo de privatização, onde cerca de 70% da capacidade instalada passou para o setor privado, permitiu o fortalecimento da siderurgia, com importantes benefícios para as empresas, as quais se libertaram de interferências políticas e restrições comerciais, administrativas e financeiras. Pode-se citar os expressivos ganhos em termos de rentabilidade, com a redução de custos e o aumento da produtividade e outras vantagens, como possibilidade de realizar novos investimentos (inclusive com o apoio do BNDES), visando reduzir a defazagem tecnológica existente.

Paralelamente à privatização, iniciou-se o processo de liberalização do setor, com redução do controle de preços do governo, como também o início da abertura da economia. Reduziram-se as alíquotas de importação de produtos siderúrgicos e de tecnologia, assim como as barreiras não tarifárias.

O Brasil é membro da OMC - Organização Mundial de Comércio desde janeiro de 1995, onde são fixadas as regras multilaterais de comércio. Além disso, a inserção do Brasil na comunidade siderúrgica internacional, pode ser comprovada com a sua participação no Comitê do Aço da OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico, desde maio de 1996.

Anteriormente às mudanças referidas, o parque nacional era composto por grande número de empresas, com produção muito diversificada, atuando dentro do princípio de auto-suficiência em todos os produtos siderúrgicos, a qualquer custo. No contexto da abertura e com o fim do mercado protegido, tornou-se primordial produzir com maior nível de qualidade e com custos dentro da realidade mundial.

2 - Reestruturação da Siderurgia Mundial

A nível mundial, a retirada da participação acionária do Estado na siderurgia ocorreu a partir de 1988, com uma onda de privatizações em países como México, Suécia, Itália, Peru, Alemanha, França e Taiwan, entre outros.

Posteriormente, seguiu-se um período de estagnação no setor siderúrgico internacional, em função da retração da demanda ocorrida até meados dos anos 90 e da ameaça de substituição do aço por produtos sucedâneos como plástico, alumínio e cerâmica.

O contexto de mercado aberto e globalizado teve forte influência na reestruturação da siderurgia

Neste contexto e considerando também as influências da globalização, iniciou-se o movimento mundial de reestruturação do setor siderúrgico caracterizado principalmente por:

- concentração: fusões, incorporações e fechamentos de unidades;
- maiores escalas de produção;
- especialização, principalmente nos produtos especiais;
- ênfase à questão do meio ambiente;

- continuidade dos processos de privatização;
- desenvolvimento tecnológico de produto e de processo;
- tendência à maior produção de aços especiais e maior ênfase à questão da qualidade;
- novos modelos de administração;
- internacionalização das empresas;
- deslocamento de parte da produção e do consumo de aço dos países desenvolvidos; para os países em desenvolvimento;
- expansão considerável da siderurgia no sudeste asiático;
- formação de grandes blocos regionais;
- desenvolvimento das “mini-mills”.

No que se refere às rotas tecnológicas, cabe ressaltar que o desenvolvimento maior da produção de aço via “mini-mill”, em detrimento do crescimento da rota tradicional das usinas integradas, é decorrente do enfoque regional, com aproveitamento de matérias-primas locais.

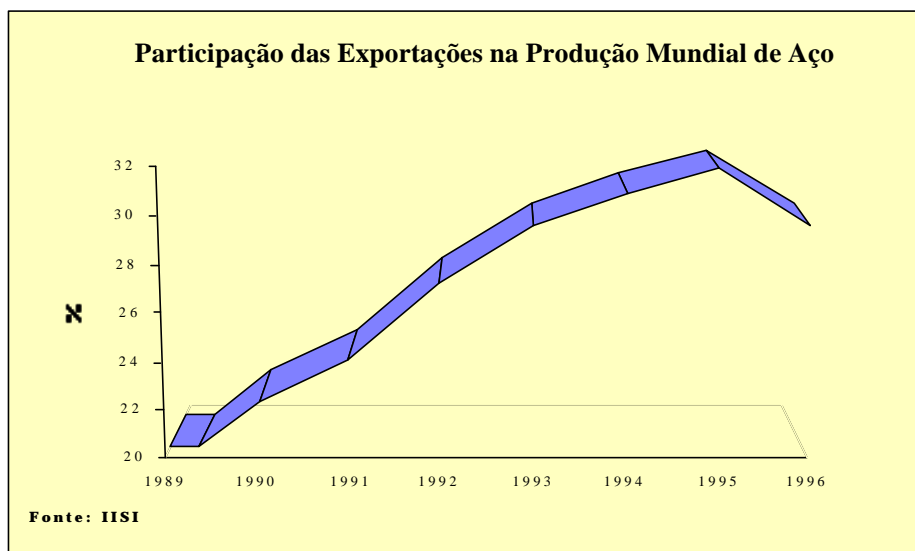
As “mini-mills” são competitivas no atendimento de mercados específicos, pois operam com escalas reduzidas e apresentam menores custos de investimento e maior flexibilidade. Grande parte delas, principalmente as que operam o processo NUCOR nos EUA, produzem aço “commodity”, com menor valor agregado.

No caso dos aços mais elaborados, assim como nos aços especiais, escala e especialização são fundamentais, restringindo o número de fabricantes por tipo de aço, com vistas à redução de custos.

Deste modo, dependendo das características dos produtos, de seu valor agregado e de questões logísticas, envolvendo acesso a matérias-primas e transporte do produto final, deve ser focado o mercado regional - através das “mini-mills” ou o mercado global - onde as grandes usinas são mais competitivas.

3 - Mercado Global

Tem-se intensificado nos últimos anos o comércio internacional de aço, conforme pode-se visualizar no gráfico a seguir:



Observa-se que as exportações de aço são bastante representativas, tendo correspondido a cerca de 30% da produção mundial em 1995. Note-se entretanto que o incremento na comercialização internacional de aço nos últimos anos, não foi consequência somente da globalização. Fatores como aumento das exportações da antiga URSS em função do colapso do mercado interno e forte expansão da economia do Sudeste Asiático, principalmente através do aumento expressivo das importações da China, contribuíram para a maior comercialização de

A siderurgia brasileira apresenta custo de produção competitivo no cenário mundial

aço.

Para 1996, as previsões indicam menor crescimento do comércio internacional em função do menor nível de importação de produtos de menor valor agregado por parte dos EUA, Japão e China.

Ressalte-se que, apesar da globalização a tendência para os próximos anos é de redução das exportações mundiais, devido ao menor comércio internacional dos semi-acabados e do aço “commodity”, mais representativos em volume e mais focados nos mercados regionais.

4 - Reestruturação da Siderurgia Brasileira

A reestruturação do setor siderúrgico brasileiro, iniciada com a privatização, vem sendo um processo dinâmico de aquisições, fusões, incorporações e internacionalização de empresas, visando o fortalecimento do setor, face à nova realidade internacional, no contexto de mercado global.

O parque siderúrgico nacional atualmente é composto por 21 empresas, sendo 8 integradas, totalizando uma capacidade aproximada de 24,0 milhões de toneladas e 13 semi-integradas, correspondendo a cerca de 5,5 milhões de toneladas, representando uma capacidade global para o parque siderúrgico nacional de 29,5 milhões de toneladas.

Setor Siderúrgico Brasileiro

	Produto	Empresas (Localização)
Usinas Integradas	Semi-Acabados	Açominas (MG), CST (ES)
	Aços Especiais	Acesita (MG), Mannesmann (MG)
	Laminados Planos	Cosipa (SP), CSN (RJ), Usiminas (MG)
	Laminados Longos	Belgo-Mineira (MG), Pains (MG)
Usinas Semi-Integradas	Aços Especiais	Aços Villares (SP), Villares Metals (SP), Riograndense (RS)
	Laminados Longos	Açonorte (CE,PE,BA), Barra Mansa (RJ), Mendes Jr. - BMP (MG), C.B. Aço (SP), Copala (PA), Dedini (SP), Riograndense (PR-RS), Itaunense (MG), Cofavi (ES), Cosigua (RJ)

Ressalte-se que, mais recentemente, está ocorrendo um processo de reestruturação acionária, com a saída dos bancos Bozzano Simonsen, Bamerindus, Econômico e Unibanco do controle de algumas das principais siderúrgicas brasileiras como Usiminas, Cosipa e CST.

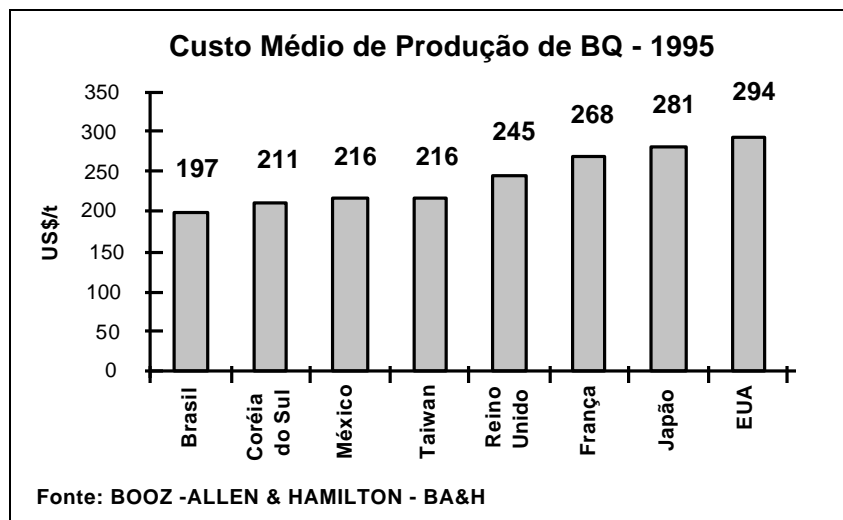
Os bancos exerceram papel fundamental na etapa da privatização das empresas, obtendo expressivos lucros no negócio. Atualmente, com a globalização, a necessidade de maiores escalas e de realização de novos investimentos com retorno mais lento, tem levado os bancos a se retirarem do setor, cujo controle concentra-se cada vez mais em poucos grupos, com forte participação dos fundos de pensão.

A internacionalização também está se intensificando com a elevação da participação de grupos estrangeiros como Nippon e Kawasaki, entre outros, assim como com a criação de subsidiárias fora do país por parte de alguns grupos/empresas nacionais como Grupo Gerdau, Acesita e Usiminas.

5 - Competitividade Brasileira no Contexto Global

De acordo com o recente estudo elaborado pela Consultoria Booz-Allen & Hamilton e estudos elaborados pelo BNDES sobre a competitividade da siderurgia brasileira, pode-se afirmar ser esta competitiva a nível internacional, considerando:

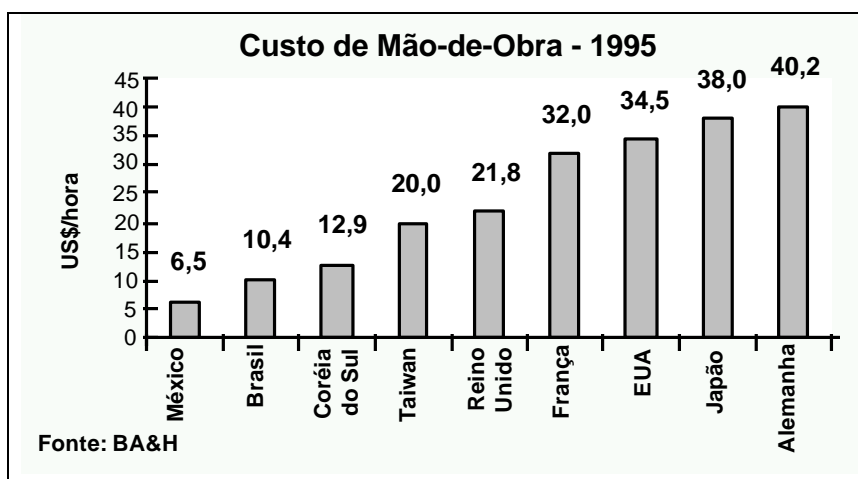
- **Custo de Produção**



O Brasil possui um dos mais baixos custos de produção de bobina a quente entre os principais países produtores.

Cabe ressaltar que mais de 60% do custo global de produção das usinas nacionais concentra-se nos itens matérias-primas, energia e mão-de-obra onde o Brasil possui reais vantagens competitivas. O custo do minério de ferro para os produtores nacionais situa-se entre os mais baixos do mundo e o de energia também é bastante competitivo, embora seja prevista elevação gradual destes custos.

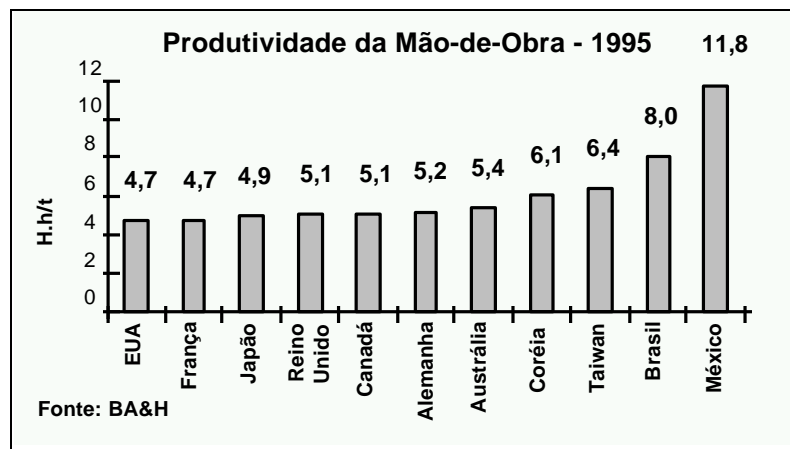
- **Custo de Mão-de-Obra**



O custo da mão-de-obra no Brasil ainda é relativamente baixo, da ordem de US\$ 10,4/hora, embora com alta participação de encargos sociais, representando cerca de 50% deste valor.

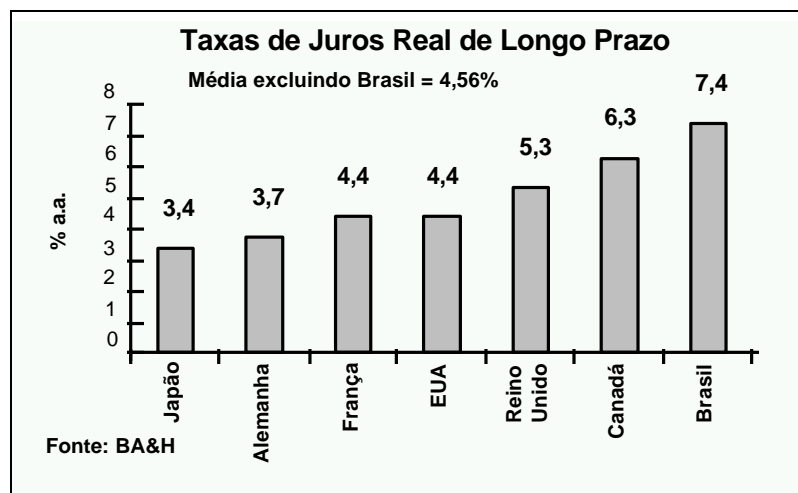
Entretanto, considerando a baixa produtividade de sua mão-de-obra, impactando negativamente no custo final de mão-de-obra, a posição do Brasil cai para terceiro lugar com US\$ 83/t, após México e Coréia do Sul com respectivamente US\$ 77/t e US\$ 79/t. Porém, ainda é uma posição bastante vantajosa em termos mundiais, visto que EUA, Japão e Alemanha apresentam custos de respectivamente US\$ 162/t, US\$ 186/t e US\$ 209/t.

A produtividade da mão-de-obra no Brasil ainda é inferior a dos grandes produtores mundiais, apesar dos ganhos nos últimos anos, com evolução de cerca de 12 Homem.hora/tonelada em 1990 para 8 Homem.hora/tonelada em 1995. Nas nações desenvolvidas, este indicador está próximo de 5 Homem.hora/tonelada, portanto, a siderurgia brasileira ainda precisa melhorar a produtividade de sua mão-de-obra, empreendendo programas específicos de treinamento de pessoal, além de implantação de processos tecnológicos e de automação.

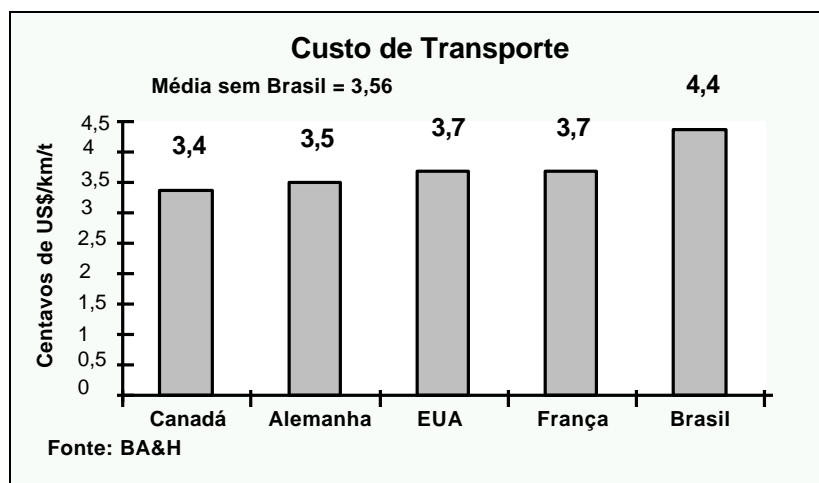


Contrapondo-se às vantagens comparativas referidas, ressalte-se as desvantagens do País em itens como: custo de capital, custo de transporte, carga tributária e movimentação em portos.

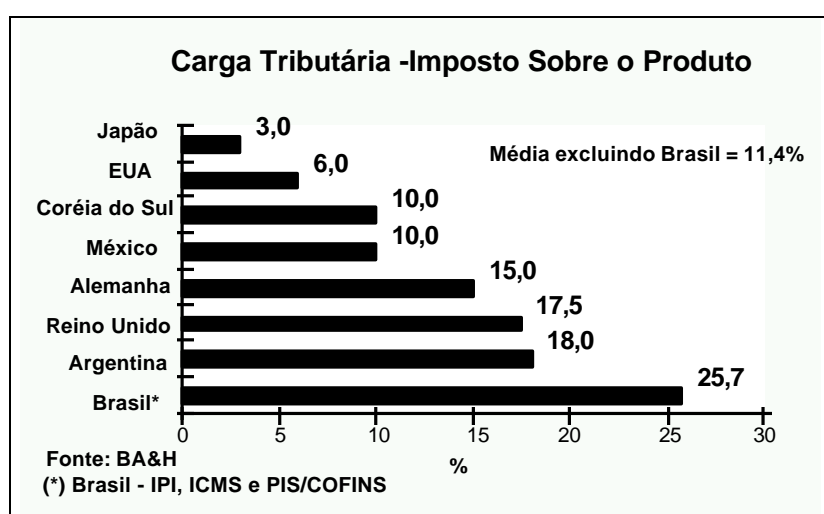
- **Custo de Capital**



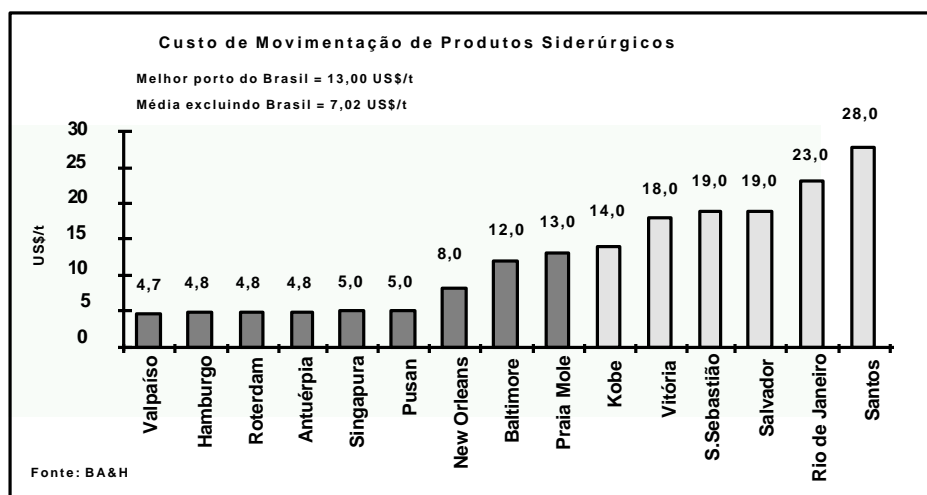
- **Custo de Transporte**



- **Carga Tributária**



- **Custo de Movimentação em Portos**



Conforme pode-se observar, nestes itens a posição do Brasil é desvantajosa em termos internacionais, sendo que estes fatores influenciam negativamente o custo final dos produtos, prejudicando também a competitividade das nossas exportações e a posição do Brasil no mercado internacional. O “Custo Brasil”, decorrente dos custos financeiros elevados, da carga tributária e das deficiências de infra-estrutura, geram, de acordo com o referido estudo, um acréscimo de custo da ordem de 6 a 12% do preço de venda, dependendo do produto.

O setor siderúrgico brasileiro necessita investir em modernização tecnológica para garantir sua posição no mercado internacional

Recentemente foi aprovada medida governamental isentando a incidência de ICMS sobre as exportações brasileiras de produtos primários e semi-elaborados, onde os produtos siderúrgicos se incluem, o que já é um passo relevante, legalizando uma prática que o setor vinha contestando na justiça. Entretanto, o maior efeito é esperado com a recente eliminação do ICMS dos equipamentos, o que deverá incentivar os novos investimentos, favorecendo a posição competitiva brasileira no mercado siderúrgico mundial.

Porém, o setor ainda se ressentia com a perda de rentabilidade das exportações, com a valorização cambial decorrente do Plano Real e com o fato das tarifas brasileiras de importação de produtos siderúrgicos situarem-se entre as mais baixas do mundo, favorecendo as importações. As tarifas situam-se em cerca de 10 a 12%, entretanto existem muitas exceções, reduzindo-as para valores realmente aplicados entre 0 e 2%, como no caso de produtos oriundos de países do Mercosul, assim como de produtos para a indústria automobilística e de autopeças, por força da Medida Provisória do Setor Automotivo.

É importante salientar que no contexto atual da globalização e na vigência das regras multilaterais de comércio, fixadas pela OMC, cada vez se restringe mais a interferência do Estado no setor e no intercâmbio mundial de produtos siderúrgicos. O Brasil deve assumir esta nova postura beneficiando-se dos direitos e cumprindo as obrigações no que se refere às suas práticas comerciais.

6 - Conclusão

Encontra-se em curso o Programa de Modernização Tecnológica da Siderurgia Brasileira, com investimentos previstos em US\$ 7,1 bilhões até o ano 2000, dos quais US\$ 1,1 bilhão já realizado em 1995, estimando-se para o ano corrente inversões de US\$ 1,6 bilhão. Estes investimentos destinam-se à atualização tecnológica, melhoria da qualidade e proteção ambiental, gerando um aumento de capacidade de cerca de 10% como subproduto e são essenciais para melhorar as condições competitivas brasileiras no novo cenário mundial.

O nosso parque industrial é relativamente moderno, porém apresenta atrasos tecnológicos, alguns gargalos na linha de produção, necessita maior treinamento de pessoal e maior automação, como também deve solucionar o passivo ambiental e promover o enobrecimento dos produtos.

O setor siderúrgico nacional ainda é muito dependente das vendas externas, principalmente aço de baixo valor agregado, visto que o mercado interno absorve apenas cerca de 55% da produção. Apesar das expectativas de aumento do consumo interno para cerca de 60% da produção até o ano 2000, a nossa dependência externa ainda é relevante.

Portanto, considerando a posição exportadora do País, e a necessidade do produto nacional ser competitivo no abastecimento do mercado interno, torna-se imprescindível a melhoria da qualidade e do atendimento aos clientes, assim como a redução dos custos, para garantir a inserção do País no cenário da siderurgia internacional, no atual contexto de mercado aberto e globalizado.